

BOLETIM DO CEIB

CENTRO DE ESTUDOS DA IMAGINÁRIA BRASILEIRA

EDITORIAL

Estamos no terceiro número do Boletim do CEIB, com uma boa aceitação dos associados e demais leitores.

Durante este trimestre, no dia 6 de maio, houve a segunda reunião do CEIB na sala de aulas teóricas do CECOR - Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Como havia sido anunciado, o tema principal foi a discussão da proposta de estatuto para o CEIB, que, após receber várias sugestões foi aprovada por unanimidade. Cópias do estatuto estarão à disposição dos associados na secretaria do CEIB.

Na mesma reunião foi comunicada a renúncia, por excesso de compromissos, da Secretária do CEIB, Adalgisa Arantes Campos, que foi substituída, pela restauradora Moema Nascimento Queiroz, eleita na reunião.

Aproveitando a oportunidade, procedeu-se à eleição do 2º Secretário e do 2º tesoureiro, tendo sido eleitas respectivamente as restauradoras: Carolina Maria Proença Nardi e Maria Regina Emery Quites.

Foi discutida nesta reunião a possibilidade de realização do Primeiro Colóquio Nacional do CEIB, tendo ficado escolhido o local e a época de sua realização, que deverá ser em Mariana, em abril do próximo ano.

Outro fato importante do trimestre foi a conquista de um espaço físico para sede do CEIB, em uma das salas da Escola de Belas Artes da UFMG, cedido gentilmente pelo seu Diretor,

Professor Marco Elizio de Paiva. Deverá ser firmado um acordo entre o CEIB e a Escola de Belas Artes para formalizar esta situação.

ESTILO E ATRIBUIÇÕES

Nossa Senhora do Rosário Aleijadinho

Lygia Martins Costa*

Foto: Catálogo do leilão



*N. Sa. do Rosário - Aleijadinho
Proprietário particular*

Situação incomum se deu há pouco no Rio: o leilão de duas obras do Aleijadinho num mesmo evento e provenientes ambas do colecionador Renato Whitacker, de São Paulo - Nossa Senhora do Rosário e Sant'Ana Mestra. A ocorrência de uma peça já não é habitual. Mas, de duas, é fato extraordinário. Sobretudo se levar-se em conta que são imagens esplêndidas, dignas de qualquer grande museu. Fato ainda a ser notado é que ambas representam fases seqüentes do artista, as décadas de sua produção de maior impacto.

A Sant'Ana Mestra, contemporânea dos Profetas já foi analisada por Bazin e tombada quando integrava a Coleção Leão Gondin, no Rio. Mas continua quase desconhecida a Nossa Senhora do Rosário, por muito tempo na mesma cidade incorporada à Coleção Plácido Gutierrez, no alto da boa vista. Participava da Exposição Aleijadinho realizada no Museu de Arte Moderna em 1978, tendo sido reproduzida com algum detalhe em seu catálogo ilustrado. Porém apesar de valiosa, nenhum comentário crítico suscitou da área especializada.

De 90 cm de altura, em madeira com restos significativos da pálida policromia primitiva, apresenta-se hoje em toda sua beleza formal, graças a restauro cuidadoso que lhe devolveu a pureza de feições, sutileza do modelado e singular riqueza plástica. Quase íntegra, deve datar da 1ª metade da década de 90, contemporânea portanto da execução do altar-mor da Igreja de São Francisco de Assis, de Ouro Preto.

É presença que se impõe.

Não só pelo porte como pelo caráter monumental, que estabelece uma sábia relação de proporções e compromisso entre a Nossa Senhora com o Menino e a penca de querubins, e entre a grandeza e o elaborado desse conjunto e a fragilidade e singeleza da penha.

Surpreende pela vitalidade que se manifesta em exuberância contida na silhueta robusta e simultaneamente leve, articulando sem quebra as seções superior e inferior da composição. Também no jogo de planos e diagonais, que imprimem uma sensação de raro potencial dinâmico. E que se projeta do todo e de cada pormenor: na amplitude do gesto, no arrojado e contrastes do panejamento, na assimetria-axial, no balouçar típico da época.

Tal como numerosas obras de Antônio Francisco Lisboa, nela se salientam ainda o caráter tático e o vigor da anatomia. Demonstradas na nudez do Menino e no corpo da Virgem, que se revela sob fina veste, parcialmente recoberta por espesso manto, de arestas vivas e imprevisíveis.

Mas não apenas segurança de fatura e senso de unidade distinguem essa imagem. Ela se sobressai também por sua dignidade e comunicação intensa com o espectador. Espiritualidade peculiarmente aleijadiana que, em ambas as figuras, se irradia do olhar penetrante e expressão severa. Trata-se, pois, de peça magnífica que, como a Sant'Ana Mestra, também faz jus a tombamento federal. Mais ainda. Uma e outra reclamam integração às coleções públicas do país.

Há uns poucos anos, quando o Governo Collor, ao iniciar sua administração, cogitou de abrir à visitação geral o Palácio do Planalto, comissão técnica foi criada para os trabalhos de restauro e constituição de uma coleção de arte qualificada, a ser financiada por empresariado voluntário. Sugeriu para o altar da Capela a aquisição dessa Nossa Senhora do Rosário, que pensava estar ainda no Rio.

Infelizmente fora vendida para colecionador paulista, não identificado então.

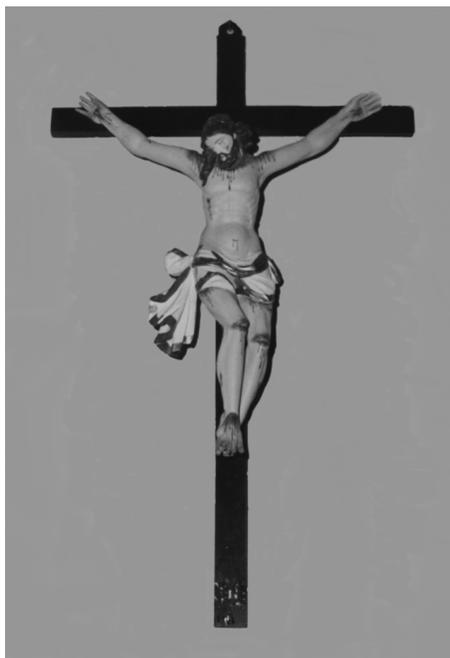
Ora surge ela à venda. É de se desejar que governos e autoridades dos vários escalões se movimentem, que empresários se associem desinteressadamente para todos, de representação expressiva de nosso genial artista.

*Museóloga e Consultora do IPHAN

ICONOGRAFIA

A imagem do Cristo Crucificado na Bahia setecentista

Maria Helena Ochi Flexor *



Cristo Crucificado, Bahia

Consultando os Inventários e Testamentos verifica-se que, no despojado interior das casas baianas do século XVIII, um móvel de devoção era indispensável: o oratório. Este

aparecia de vários tamanhos, desde os de um palmo e meio de altura até os de *dizer missa*, estes últimos nas casas mais abastadas, evidentemente. Cada oratório continha imagens de santos da devoção particular de seus proprietários, mas, invariavelmente, tinha uma imagem de Cristo Crucificado e as de N. Sra. da Conceição, Santana, Santo Antônio, São Francisco Xavier (FLEXOR, 1978, p.117-118) cujas invocações quase coincidiam com aquelas das procissões reais patrocinadas pela Câmara.

Essa constância não era gratuita. As Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia, e 1707, que codificavam para o Brasil as resoluções tridentinas, estabeleciam as imagens às quais se devia culto e cuja presença Távora acusa no oriente como convencionais (TÁVORA, 1983, p.XXVII). Bastante comuns no mundo português do século XVIII, tanto no Ocidente quanto no Oriente, as cenas da Paixão de Cristo foram alvo principal da devoção dos católicos de então. Apareciam os Cristos Crucificados isoladamente, ou formando conjunto com N. Sra. das Dores e S. João Evangelista, com Madalena. Esculpiam-se o Cristo Morto e os Passos da Paixão, desde os pequenos conjuntos colocados em oratórios domésticos, quanto sob a forma de imagens de roca, quase de tamanho natural.

A imagem principal, no entanto, era a do Cristo Crucificado.

Os Cristos Crucificados tiveram origem a alta Idade Média e foram vulgarizados pela Contra Reforma. Távora atribui à influência italiana os Cristos tão correntes no Ocidente, que perderam o exotismo seiscentista e *ganharam em naturalismo de tratamento anatômico, de expressão e movimentos dramáticos* (TÁVORA, 1983, p.LV). O barroco os teatralizou para suscitar a fé no povo.

Os Crucificados, de vários tamanhos, apareciam sob dois tipos: espirantes ou moribundos,

distinguíveis pela posição da cabeça e olhos. Sempre se apresentavam com sua *cruz e calvário*, como se dizia no setecentos, ou a cruz e peanha de hoje, aquela sempre, ornamentada com arremates de prata.

Cristo Crucificado tinha lugar privilegiado em todos os ambientes católicos e devia ser o primeiro da hierarquia celeste na terra.

Também disso cuidaram as Constituições Primeiras, que rezava no seu livro 4º: *E no que toca a preferência dos lugares, que entre si devem ter nos Altares, declaramos, que sempre as Imagens de Cristo Nosso Senhor devem preceder a todas, e estar no melhor lugar; e logo as da Virgem Nossa Senhora; e depois a de S. Pedro Príncipe dos Apostolos; e que a do Patrão, e titular da Igreja terá o primeiro, e melhor lugar, quando no mesmo Altar não tiverem Imagens de Cristo Nosso Senhor, ou da Virgem nossa Senhora...* O título seguinte enfatizava veementemente que a imagem da cruz se não pinte, nem levante em lugares indecentes; e que as imagens envelhecidas se reformem (CONSTITUIÇÕES, 1853, L.4, p.256, 257).

As mesmas Constituições indicavam, inclusive, o tipo de culto que se devia à corte celeste. Latria era a adoração devida a Deus, a Santíssima Trindade, Cristo Redentor, Santíssimo Sacramento da Eucaristia e Sagrado Lenho da Cruz *em que o mesmo Cristo padaceo por nós; e as Imagens do mesmo Cristo em quanto o representão, e qualquer outra cruz, como sinal é representativo da verdadeira, em que o mesmo Senhor nos salvou. Hiperdulia era a veneração devida à Virgem Maria Nossa Senhora, por ser Mãe de Jesus Cristo Nosso Senhor...* Dulia era veneração devida aos Santos, Anjos e Espíritos Celestiais aprovados pela igreja (IDEM. L.1, p.8-9).

Na Bahia, as representações e devoções a Cristo multiplicaram-se de várias outras formas como nas cenas da Paixão, o Enterro do Senhor, promovido pelos terceiros

carmelitas; o Corpo de deus (Corpus Christi) que tinha sua festa anual, e era a principal procissão *del Rei*, Triunfo da Cruz de Cristo e Senhor Nosso, denominação da procissão dos terceiros dominicanos (CAMPOS, 1941, p.268-269, 289). Foram várias as irmandades formadas como a do Bom Jesus da Cruz (RUSSELL-WOOD, 1970, p.195), apenas para citar alguns exemplos. Essas figuras surgiram no século XV, na Europa (DELUMEAU, 1973, p.9), e se dramatizaram no XVIII, atingindo a Bahia na segunda metade do século. Como não se davam figuras à Deus e ao Espírito Santo, é o Filho que encontramos nos crucificados barrocos, presentes em todas as igrejas - e obrigatório acima do sacrário no altar-mor - e no lugar mais alto dos oratórios particulares baianos.

De certa forma isso explica as várias invocações que o Cristo Crucificado foi recebendo ao longo do tempo, sendo a mais conhecida na Bahia, a do Senhor do Bonfim (ou Oxalá do Candomblé).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
CAMPO, J. da Silva. Procissões tradicionais da Bahia. In: *Anaes do Arquivo Público da Bahia*. Bahia: Imprensa Oficial do estado, 1941.

CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA. Feitas e ordenadas... D. Sebastião Monteiro da Vida... São Paulo: Typ. 2 de Dezembro, 1853.

DELUMEAU, Jean. *La reforma*. Barcelona: labor, 1973.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Mobiliário brasileiro*; Bahia. São Paulo: Espade, 1978

RUSSELL-WOOD, A J. R. Aspectos da vida social das irmandades leigas da Bahia no século XVIII *Universitas*, Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia, Salvador, n.6-7, mar/dez. 1970.

SÉRIE INVENTÁRIO. Seção Judiciária. Inventários e testamentos diversos, ms. Capital e Cachoeira, APEB.

TÁVORA, Bernardo Ferrão de Tavares e. *Imaginário luso-oriental*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983.

*Historiadora de Arte, Professora da UFBA.

Livros doados



Temos o prazer de informar

que a Diretoria do CEIB recebeu cartas acompanhadas de livros dos autores sobre imaginária sacra brasileira: uma do Dr. Eduardo Etzel, doando à Biblioteca do CEIB dois livros de sua autoria, **Anjos Barrocos no Brasil**; angelologia. Rio de Janeiro: Kosmos, 1995; e **Divino**; Simbolismo no Folclore e na Arte Popular. Rio de Janeiro: Kosmos, 1995. A outra carta foi do Sr. Elder Camargos de Passos, que doou o livro: **Veiga Valle**; seu ciclo criativo. Goiás: Museu de Arte Sacra da Boa Morte, 1997. Recebemos também, de Claudina Maria D. Moresi, o número 127 da revista **Ciência Hoje**, da SBPC, (março/abril de 1997) que traz artigo de sua autoria: **Os "rubis" das chagas dos Cristos**.

CEIB

Presidente: Myriam R. de Oliveira

Vice-presidente: Beatriz Coelho

1ª Secretária: Moema N. Queiroz

2ª Secretária: Carolina Ma. P. Nardi

1ª Tesoureira: Claudina Ma. D. Moresi

2ª Tesoureira: Ma Regina E. Quites

ENDEREÇO:

Av. Antônio Carlos, 6627
30270-010 Belo Horizonte, MG

BOLETIM

Projeto gráfico, arte e editoração:

Beatriz Coelho

Apoio:

Tatiana L. Costa Santos Melo

Jeaneth Xavier de Araújo

Tiragem: 200 exemplares

Periodicidade: trimestral



Foto: ACCR

São Miguel Arcanjo
Igreja de Nossa Senhora da Lapa -
Florianópolis

IMAGENS SACRAS ROUBADAS EM FLORIANÓPOLIS

Lamentamos informar que recebemos, de nossa associada e Presidente da Associação Catarinense de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais, Denise Magda Thomaz, comunicação do roubo de nove imagens de madeira policromada e uma peça de prata da Matriz de Nossa Senhora da Lapa, distrito de Ribeirão da Ilha, no último dia 2 de maio e, na mesma data, de uma imagem de

São Sebastião, da Capela de São João Batista do distrito de São João do Rio Vermelho, ambos em Florianópolis, SC.

As imagens roubadas da Matriz de Nossa Senhora da Conceição e que pertenciam a um oratório foram: Santo Antônio (3)- Santo Antônio de roca - São Miguel Arcanjo (foto) - Cristos Crucificados (4)- Coroa de Nossa Senhora. Maiores informações sobre essas peças, você pode obter através dos telefones: (048)- 237-6553 e 233-4259.

TÉCNICA E CONSERVAÇÃO

Orientação para melhor conservação das obras de arte

Esta "orientação" é dada pelo CECOR - Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, aos proprietários ou responsáveis pelas obras após o término de sua restauração. Com autorização de sua Diretora, restauradora Gislaíne Randaso Teixeira Moura, estando publicando neste número do BOLETIM. Você poderá conservar melhor suas peças, mesmo não restauradas, se tomar estes cuidados:

- Mantenha a obra longe de toda fonte de **calor**, com sol, lâmpadas, velas, lareiras, etc.
- Evite **iluminação** direta ou demasiadamente intensa do sol ou de luz artificial, pois ambas podem provocar descolorações dos pigmentos e envelhecimento acelerado do papel e demais materiais orgânicos, como vernizes e colas, que se tornam amarelos e quebradiços.
- Evite **umidade** direta ou indireta, que provoca dilatação dos suportes com aumento considerável de peso e enfraquecimento da camada de pintura, podendo causar, também, o aparecimento de insetos e outros agentes biológicos.
- Evite o **contato de obras tratadas** com peças atacadas por insetos ou fungos, particularmente se elas não puderem ter manutenção periódica.
- Evite **mudanças bruscas de umidade e temperatura**. Tenha cuidado especial por ocasião de mudanças de uma cidade para outra.

- **Nunca use fita adesiva** em obras sobre papel e evite o contato direto dessas obras com papelão, madeira e eucatex, para que não apareçam manchas irreversíveis.
- **Embale cuidadosamente** as obras que deverão ser transportadas (utilize papel de seda, espuma de poliuretano ou plástico bolha) evitando, assim, que elas sofram com vibrações, golpes, etc.
- Evite **acúmulo de pó** na superfície das obras de arte. Utilize, para limpeza, uma trincha macia, chamada juba, encontrada em copiadoras. **Jamais utilize pano úmido** para esta finalidade.
- Evite "**restaurações**" do tipo **doméstico**, que podem causar sérios danos. As intervenções em obras de arte devem ser feitas por técnico especializado.
- Evite o **manuseio das peças** e, quando necessário faça-o cuidadosamente e com mãos limpas.

RESPOSTAS AOS LEITORES

O CEIB tem recebido pedidos de esclarecimentos sobre o pagamento da anuidade dos sócios.

Informamos que os valores das anuidades são os seguintes: sócios Titulares R\$50,00; sócios Estudantes R\$25,00 e colaboradores R\$75,00. O melhor meio de fazer o pagamento é através de cheque nominal à Claudina M. D. Moresi, enviado através do Correio para Av. Antônio Carlos, 6627, CEP: 31.270-901. Belo Horizonte, MG.

Como já informamos anteriormente, a contribuição voluntária dada por alguns sócios, poderá ser descontada da anuidade, cujo prazo foi prorrogado para 30 de agosto.

A partir de setembro o BOLETIM será enviado apenas para os sócios.